ISSN: 2358-8829

PARA ALÉM DO CUIDADO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO BASEADAS NO LEGADO DE NISE DA SILVEIRA

Sara Fabiana da Silva Lopes[1]
Gilmar dos Santos Mendonça[2]
Nataniel Vitor da Silva Costa[3]
Simone Varela[4]

INTRODUÇÃO

Como trabalho derivado do subprojeto de Pedagogia vinculado ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), desenvolvido no curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e financiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), esta investigação insere-se nos debates contemporâneos em torno dos processos de alfabetização e letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Tais discussões têm evidenciado a persistência de abordagens reducionistas e excessivamente mecanicistas no cotidiano escolar. A despeito dos avanços teóricos conquistados pelas ciências da educação e pela psicologia do desenvolvimento, as práticas pedagógicas ainda se encontram subordinadas a uma tradição logocêntrica que reduz o ato de alfabetizar ao treino grafo-motor repetitivo, à decodificação puramente mecânica de fonemas e grafemas e à memorização descontextualizada de padrões silábicos. Tal engrenagem desconsidera a densidade da imaginação infantil, anestesia a sensibilidade corporal e aparta os educandos de sua capacidade expressiva primordial.

Diante desse cenário de fragmentação curricular e empobrecimento estético da ação educativa, torna-se imperativo construir alternativas teórico-metodológicas capazes de resgatar a formação humana em sua totalidade. Emerge, assim, a potência de articular a educação escolar ao legado revolucionário de Nise da Silveira (1905–1999). Médica psiquiatra alagoana de

[1] Graduanda do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) – Polo Maceió. Bolsista PIBID/CAPES. E-mail: sara.fabiana@aluno.ifal.edu.br.
[2] Mestre em Educação (UFBA). Graduando do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) – Polo Maceió. Bolsista PIBID/CAPES. E-mail: gs16@aluno.ifal.edu.br.
[3] Graduando do Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto Federal - AL, nvsc5@aluno.ifal.edu.br;
[4] Doutora em Educação pela Universidade Tiradentes de Sergipe – UNIT, SE. Docente do Instituto Federal de Alagoas (IFAL). E-mail: simone.varela@ifal.edu.br.

ISSN: 2358-8829

projeção internacional e discípula direta de Carl Gustav Jung, Nise subverteu o modelo manicomial hegemônico no Brasil ao recusar procedimentos agressivos e desumanizadores, substituindo-os por ateliês de pintura, modelagem e convivência afetuosa. Em sua práxis, redefiniu os indivíduos institucionalizados como "clientes", demonstrando que a livre expressão plástica e a materialização das imagens do inconsciente atuam como vias estruturantes de reorganização psíquica, produção de sentidos e cura emocional.

Embora a trajetória de Nise da Silveira tenha se consolidado na saúde mental, seus princípios encerram uma profunda dimensão formativa. A transposição didático-pedagógica de sua abordagem para os anos iniciais do Ensino Fundamental assenta-se na compreensão de que a expressão artística, o afeto desinteressado e a liberdade criadora constituem a primeira escrita da criança. Antes de dominar com proficiência as convenções do código alfabético formal, a infância lê, interpreta e simboliza o mundo por meio das cores, dos traços, do barro, do gesto e da narrativa oral. Acolher o universo simbólico infantil e transformá-lo no ponto de partida da ação alfabetizadora impede que a entrada na cultura letrada seja vivenciada como imposição castradora, convertendo-a em conquista emancipatória.

Nesse horizonte, o problema de investigação que mobiliza o presente trabalho delineia-se na seguinte indagação: de que maneira a transposição pedagógica dos princípios de afeto, liberdade e expressão simbólica formulados por Nise da Silveira, articulada ao paradigma do "alfabetizar letrando", pode impulsionar o desenvolvimento psicomotor, a oralidade e a apropriação da escrita em turmas do 1º ano do Ensino Fundamental?

Para responder a esse problema, o objetivo geral consiste em analisar as contribuições de uma proposta pedagógica interdisciplinar pautada no legado de Nise da Silveira para o processo de alfabetização e letramento de crianças dos anos iniciais da Educação Básica. Em termos específicos, busca-se: identificar os níveis de letramento e o repertório simbólico inicial das crianças por meio de instrumentos diagnósticos lúdicos; descrever os desdobramentos de oficinas expressivas na coordenação motora fina e na autoria infantil; avaliar o impacto das intervenções afetuosas na superação de bloqueios comunicativos e no fortalecimento do protagonismo discente; e sistematizar as aprendizagens derivadas dessa experiência para o aprimoramento da práxis formativa de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

A relevância científica e social deste estudo justifica-se pela valorização do PIBID enquanto política pública indispensável para a formação docente qualificada. Ao propiciar aos licenciandos em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) a imersão sistemática no

ISSN: 2358-8829

ecossistema da escola pública, o programa consolida o princípio da formação construída dentro da profissão, articulando a teoria acadêmica à mediação direta com as demandas da infância.

Metodologicamente, a investigação assume o formato de pesquisa-ação qualitativa associada a um relato de experiência analítico-reflexivo. A intervenção totalizou 64 horas de atividades pedagógicas com 25 estudantes do 1º ano da Escola Estadual Rotary, em Maceió/AL. A fundamentação teórica ancora-se na articulação interdisciplinar entre a Psicologia Analítica de Nise da Silveira e Carl G. Jung, a Teoria Histórico-Cultural de Lev Vygotsky e os postulados de Magda Soares sobre a indissociabilidade entre alfabetização e letramento. O artigo está estruturado em Introdução, Metodologia, Referencial Teórico, Resultados e Discussão, Considerações Finais e Referências.

METODOLOGIA

A presente investigação fundamenta-se no paradigma interpretativista de pesquisa social, assumindo uma abordagem qualitativa de caráter analítico-propositivo voltada à compreensão aprofundada dos significados subjetivos e das ações sociais no contexto escolar (Bortoni-Ricardo, 2008). Adotou-se a pesquisa-ação como delineamento investigativo central (Gil, 2008; Minayo, 2001). Complementarmente, a investigação apoia-se na modalidade do relato de experiência crítico-formativo articulado aos princípios da pesquisa colaborativa proposta por Desgagné (2007). Esse enquadramento visa superar a assimetria entre universidade e escola básica, promovendo uma reflexão horizontal entre os licenciandos em Pedagogia do Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e a equipe docente da Educação Básica. A práxis investigativa consolida-se como espaço de co-construção de saberes, onde a teoria acadêmica é ressignificada pela concretude das práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula.

O estudo de campo foi realizado na Escola Estadual Rotary, localizada no bairro do Tabuleiro do Martins, na periferia de Maceió/AL. O estabelecimento atende a uma comunidade em contexto de vulnerabilidade socioeconômica, demandando propostas pedagógicas enriquecidas que promovam a equidade e o acolhimento da infância. O universo investigado abrangeu uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, composta por 25 estudantes com idades entre seis e sete anos, a professora regente e a equipe de bolsistas do PIBID/IFAL. O grupo apresentava heterogeneidade quanto ao repertório letrado inicial e marcas acentuadas de inibição comunicativa e insegurança motora.

ISSN: 2358-8829

A intervenção pedagógica compreendeu 64 horas de imersão direta, distribuídas ao longo de cinco meses letivos (agosto a dezembro de 2025), com encontros semanais no turno regular. A pesquisa-ação organizou-se em quatro etapas encadeadas. Na primeira etapa realizou-se o diagnóstico inicial e o mapeamento de interesses por meio de observação participante e instrumentos lúdicos para identificar hipóteses de escrita (conforme Ferreiro e Teberosky), portadores textuais e coordenação visomotora. Na segunda etapa desenvolveram-se oficinas de expressão simbólica inspiradas nos ateliês de Nise da Silveira, abrangendo pintura coletiva em papel kraft no chão, modelagem com argila para fortalecimento do tônus muscular e preensão digital, e colagens tridimensionais. Na terceira etapa ocorreu a integração audiovisual e a escrita criativa "Cartas para Nise", com exibição de animações e mediação de mensagens com intenção comunicativa real. Na quarta etapa realizou-se a Mostra Comunitária e Avaliação Compartilhada, expondo as produções artísticas e textuais às famílias e colhendo depoimentos sobre os avanços percebidos. Cada sessão tinha duração média de três a quatro horas, estruturando-se em acolhida, vivência prática e partilha coletiva.

Para a geração de dados empíricos, utilizaram-se múltiplos instrumentos triangulados: diários de campo pedagógicos elaborados reflexivamente pelos bolsistas do PIBID; análise documental do acervo de produções materiais e textuais das crianças; e registros de depoimentos orais e entrevistas qualitativas obtidos junto à professora regente e aos familiares. Todos os procedimentos respeitaram as normativas éticas de pesquisa com seres humanos na Educação, garantindo autorização institucional, consentimento dos responsáveis e preservação do anonimato dos participantes. Os registros visuais foram convertidos em categorias narrativas analíticas no texto, reservando-se as mídias para apresentação em pôster.

REFERENCIAL TEÓRICO

A fundamentação teórica desta investigação assenta-se na articulação interdisciplinar entre a psicologia analítica, a perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano e os estudos contemporâneos sobre a linguagem e a cultura letrada. A inserção do pensamento de Nise da Silveira (1905–1999) no campo pedagógico pressupõe compreender a revolução epistemológica que a psiquiatra alagoana empreendeu no tratamento da loucura no Brasil. Aluna e interlocutora de Carl Gustav Jung, Nise recusou a psiquiatria violenta de sua época e instituiu, a partir de 1946, os ateliês de pintura e modelagem no Centro Psiquiátrico Nacional, fundando o Museu de Imagens do Inconsciente em 1952.

ISSN: 2358-8829

Sob a luz da psicologia analítica (Jung, 1964), Nise demonstrou que o inconsciente não é um depósito estéril de traumas, mas uma fonte inesgotável de energia criadora e forças auto-curativas. O símbolo constitui a expressão mais acabada de algo ainda não formulado racional ou verbalmente. Ao colocar materiais plásticos à disposição de seus "clientes", Nise permitiu que conteúdos internos e emoções indizíveis ganhassem materialidade formal, servindo como ponte entre o caos interior e a reorganização psíquica.

Na transposição desses princípios para a sala de aula dos anos iniciais do Ensino Fundamental, compreende-se que a criança em processo de alfabetização vivencia uma relação profundamente análoga com a linguagem. Antes de dominar com segurança o código alfabético formal, a infância opera fundamentalmente pela via simbólica: o desenho, a pintura e a modelagem constituem uma escrita primeira, por meio da qual a criança estrutura seu pensamento e exterioriza suas percepções de mundo. Além disso, o afeto no paradigma "niseano" é a base de qualquer intervenção humana. Nise sustentava que a criação autêntica exige uma atmosfera de acolhimento desinteressado e liberdade. Na alfabetização, essa premissa transforma o professor em catalisador afetivo, criando um espaço seguro onde o educando é encorajado a experimentar a linguagem sem o temor da punição do erro.

Essa dimensão simbólica e afetiva encontra sustentação epistemológica na abordagem histórico-cultural de Lev S. Vygotsky (1997, 2007). Vygotsky postula que as funções psicológicas superiores — como o pensamento abstrato, a atenção voluntária, a memória mediada e a linguagem escrita — são processos construídos social e historicamente, mediados pelo uso de signos e instrumentos culturais. Toda função no desenvolvimento da criança aparece duas vezes: primeiro no nível social e interpsicológico, e depois no nível individual e intrapsicológico. Nesse processo, ganha centralidade o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), definido como a distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial. A aprendizagem qualificada incide sobre a ZDP, impulsionando processos em vias de amadurecimento.

Neste sentido, Vygotsky (1997) assevera que, quando uma via tradicional de desenvolvimento encontra-se obstruída, a mediação pedagógica deve criar caminhos compensatórios por meio de rotas culturais alternativas. Quando a criança no início do 1º ano encontra barreiras para registrar seu pensamento por meio de letras formais, a arte visual, a oralidade mediada e o gesto funcionam como ferramentas semióticas compensatórias. O ambiente de ateliê proposto pelo projeto permite que os bolsistas do PIBID atuem como parceiros mais experientes de diálogo, transformando a atividade expressiva em andaime que sustenta o avanço conceitual da criança em direção à escrita alfabética.

ISSN: 2358-8829

A transposição das linguagens expressivas para a cultura escolar consolida-se metodologicamente no paradigma do alfabetizar letrando formulado por Magda Soares (1998, 2003). A autora estabelece uma distinção conceitual crucial entre alfabetização — a aquisição do sistema alfabético e ortográfico (tecnologia da escrita) — e letramento — o desenvolvimento das habilidades de uso da leitura e da escrita nas práticas sociais reais. O fracasso escolar na fase inicial decorre frequentemente da separação mecânica entre ambos. A proposta fundamentada em Nise da Silveira integra esses dois eixos: ao participar das oficinas plásticas, a criança aprimora a coordenação motora fina necessária para a alfabetização, enquanto a produção das "Cartas para Nise" insere o educando em uma prática social autêntica de comunicação (letramento). Assim, a síntese entre a afetividade de Nise, a mediação semiótica de Vygotsky e o letramento de Soares edifica uma prática alfabetizadora verdadeiramente emancipatória.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados empíricos gerados ao longo das 64 horas de intervenção pedagógica na Escola Estadual Rotary alicerça-se na articulação crítica entre os diários de campo mantidos pelos bolsistas do PIBID/IFAL, a produção plástica e textual dos 25 estudantes e as impressões registradas pela equipe docente e pelas famílias. A discussão dos achados foi organizada e verticalizada em três dimensões analíticas fundamentais: *aisthesis* e desenvolvimento psicomotor; autoria e letramento pelas "Cartas para Nise"; e fortalecimento dos vínculos comunitários e da gestão democrática.

A primeira dimensão investigou o desenvolvimento da *aisthesis*, da corporeidade e da coordenação motora fina no espaço do ateliê. A avaliação diagnóstica inicial revelou um panorama preocupante de inibição corporal e rigidez postural na maioria das crianças que ingressavam no 1º ano. Acostumadas a exigências precoces de treino caligráfico mecânico em cadernos com margens estreitas, muitas crianças demonstravam forte apreensão ao segurar o lápis, medo constante de errar e movimentos travados de mãos e punhos. Essa realidade reflete o conceito de "anestesia dos sentidos" problematizado por Duarte Júnior (2000), no qual a escola tradicional disciplina os corpos e silencia a sensibilidade corporal em nome de uma ordem artificial que reduz o aprendizado ao exercício puramente intelectual ou mecânico.

A transformação do espaço escolar em ateliê niseano promoveu uma imediata ressignificação da dinâmica corporal. O deslocamento das carteiras individuais para a utilização do chão forrado com extensos rolos de papel kraft permitiu que os estudantes experimentassem

ISSN: 2358-8829

a pintura coletiva e a aquarela em grande escala. As crianças foram encorajadas a utilizar tintas atóxicas, pincéis de variadas cerdas, esponjas e as próprias mãos para preencher o espaço gráfico livremente. Esse exercício ampliado mobilizou não apenas a musculatura fina dos dedos, mas toda a musculatura do tronco e dos braços, promovendo o relaxamento das tensões físicas acumuladas e expandindo a percepção espacial.

A posterior introdução da modelagem com argila e massa de modelar exigiu movimentos de amassar, esticar, enrolar e esculpir, fortalecendo de forma prazerosa a tonificação muscular e a dissociação articular do punho (Almeida, 2016). Foi possível observar que a exploração tátil de materiais tridimensionais funcionou como uma ponte de reconexão sensorial, permitindo que crianças anteriormente retraídas começassem a expressar suas emoções e narrativas orais enquanto moldavam figuras humanas, animais e objetos do seu universo cotidiano. O refinamento dos movimentos de pinça — indispensáveis para a preensão adequada do lápis no traçado alfabético — desenvolveu-se, portanto, como consequência direta e orgânica da exploração tátil e plástica, e não como fruto de exercícios caligráficos repetitivos e enfadonhos.

Além dos aspectos motores, a experiência no ateliê favoreceu o desenvolvimento da atenção sustentada e da autonomia discente. Os estudantes aprendiam a organizar os materiais de pintura, a compartilhar potes de tintas e pincéis com os colegas de grupo e a cuidar do espaço comum de criação. Esse ambiente de livre criação estética, pautado pelo acolhimento afetivo e pela ausência de julgamentos morais sobre o resultado estético das obras, permitiu que os alunos desenvolvessem um sentimento de confiança em suas próprias capacidades produtivas, pré-requisito emocional indispensável para enfrentar os desafios conceituais da apropriação da escrita alfabética.

A segunda dimensão analítica examinou a passagem da expressão simbólica não verbal para a autoria textual por meio da atividade "Cartas para Nise". Após a imersão na biografia de Nise da Silveira por meio da montagem colaborativa de quebra-cabeças e da exibição do curta-metragem *Amigo Imaginário*, estabeleceu-se um forte laço de empatia entre os educandos e a figura da médica alagoana. A proposta de escrever cartas para Nise ancorou-se diretamente no conceito de "alfabetizar letrando" de Magda Soares (1998, 2003), segundo o qual a aprendizagem da língua escrita exige sua inserção em práticas sociais revestidas de sentido real e intencionalidade comunicativa verdadeira.

Observou-se que a atividade mobilizou intensamente o desejo de comunicação dos alunos em todas as suas fases de desenvolvimento psicogenético (Ferreiro & Teberosky, 1999). Crianças identificadas no nível pré-silábico expressaram seus sentimentos desenhando a si mesmas ao lado de Nise, acompanhadas por garatujas e sequências espontâneas de letras. Ao

ISSN: 2358-8829

ditarem o significado de suas produções para os bolsistas do PIBID/IFAL, revelaram reflexões elaboradas sobre o cuidado, a amizade e a defesa dos animais, demonstrando que a ausência do domínio do código alfabético não é sinônimo de ausência de pensamento ou de capacidade narrativa.

Por sua vez, os estudantes nas fases silábica e silábico-alfabética empenharam-se em selecionar as letras adequadas para compor palavras com forte carga afetiva, como "afeto", "amor", "cuidado", "flor" e "obrigado", confrontando ativamente suas hipóteses fonológicas no ato da escrita. A carta tornou-se um suporte real de diálogo: as crianças queriam contar para Nise como se sentiam na escola, quais bichos gostavam de cuidar e como a pintura as deixava felizes. Essa experiência vivencial demonstrou na prática a tese de Magda Soares: a criança alfabetiza-se com maior rapidez e entusiasmo quando a alfabetização ocorre imersa em práticas autênticas de letramento.

Nesse processo, a atuação dos bolsistas de Pedagogia configurou-se como mediação qualificada na Zona de Desenvolvimento Proximal (Vygotsky, 2007). Em vez de corrigir ortograficamente as tentativas iniciais com caneta vermelha ou apontar erros de forma punitiva, os licenciandos atuaram como andaimes semióticos: ouviam a intenção da criança, incentivavam a leitura da própria escrita e faziam perguntas desestabilizadoras que estimulavam o avanço conceitual. O erro foi ressignificado como indicador valioso da caminhada intelectual do aluno, permitindo que a escrita deixasse de ser uma obrigação escolar enfadonha para se tornar um ato genuíno de autoria e expressão afetiva.

A terceira dimensão analítica focalizou a restauração do vínculo afetivo e a integração entre a escola pública e as famílias do bairro do Tabuleiro do Martins. A culminância do projeto concretizou-se na Mostra Pedagógica Comunitária, ocasião em que a escola abriu suas portas para expor os painéis coletivos de pintura, as esculturas de argila e os portfólios contendo as "Cartas para Nise". O evento registrou a presença expressiva de mais de 95% das famílias da turma, rompendo com o histórico de reuniões escolares burocráticas focado apenas em reclamações disciplinares ou entrega de boletins.

Ao visualizarem as produções de seus filhos tratadas com dignidade e destaque estético nos corredores da escola, os pais demonstraram emoção e orgulho, participando de oficinas integradas de pintura ao lado das crianças. Depoimentos colhidos e registrados nos diários de campo indicaram impactos diretos na rotina familiar: os responsáveis relataram que os alunos passaram a demonstrar maior entusiasmo em frequentar as aulas diariamente, solicitavam a leitura de rótulos e historinhas em casa e demonstravam confiança em suas capacidades

ISSN: 2358-8829

intelectuais. Uma das mães enfatizou que 'meu filho antes chorava para não vir para a escola, mas agora acorda cedo pedindo para vir pintar e escrever as cartinhas'.

Esses resultados corroboram os postulados de Libâneo (2013) sobre a gestão escolar democrático-participativa e as formulações de António Nóvoa (2009, 2019) acerca da dimensão pública e comunitária da escola pública (*P5*). A experiência demonstrou que, quando a instituição de ensino acolhe a afetividade e valoriza o repertório cultural das crianças e de suas famílias, a escola pública reafirma seu papel como espaço democrático de emancipação social. Além disso, para os bolsistas do PIBID/IFAL, a vivência direta desse processo consolidou a aprendizagem profissional da docência, provando que a teoria acadêmica ganha vida e força transformadora quando colocada a serviço da transformação da realidade educacional da infância.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A realização deste estudo permitiu cumprir integralmente o objetivo geral e todos os objetivos específicos propostos para a investigação. Os dados coletados e analisados demonstraram expressamente que a transposição didática do legado de Nise da Silveira para o campo da alfabetização e do letramento nos anos iniciais do Ensino Fundamental oferece uma alternativa pedagógica consistente, superando abordagens mecanicistas e promovendo o desenvolvimento humano integral.

Além disso, cumpriu-se o primeiro objetivo específico ao identificar, por meio dos instrumentos diagnósticos lúdicos, as hipóteses iniciais de escrita, o repertório simbólico e as barreiras atitudinais apresentadas pelas crianças no ingresso ao 1º ano. O segundo objetivo específico foi atingido ao descrever com precisão como as oficinas de expressão simbólica e motricidade em argila, pintura e colagem atuaram no refinamento da coordenação motora fina, no tônus muscular e na consolidação da autoria infantil. O terceiro objetivo específico concretizou-se ao avaliar o impacto positivo das intervenções afetuosas no destravamento de inibições comunicativas, no fortalecimento da autoestima e no protagonismo discente ao longo da produção das "Cartas para Nise" e da realização da Mostra Comunitária. Por fim, cumpriu-se o quarto objetivo específico ao sistematizar os aprendizados da pesquisa-ação, demonstrando o impacto formador da imersão prática na consolidação do saber docente dos licenciandos em Pedagogia bolsistas do PIBID/IFAL.

A experiência confirmou que a organização da sala de aula como ateliê “Niseando” que viabilizou o princípio do "alfabetizar letrando" de Magda Soares, assegurando que o domínio

do código alfabético ocorresse de forma indissociável das práticas sociais de leitura e escrita. Como limitações da pesquisa, aponta-se o recorte temporal restrito a um semestre letivo em uma única turma. Recomenda-se, para estudos futuros, o acompanhamento longitudinal dos estudantes e a expansão da metodologia para salas de Atendimento Educacional Especializado (AEE) e turmas multisseriadas do campo, aprofundando as articulações entre arte, afeto e emancipação na Educação Básica.

Palavras-chave: Alfabetização. Letramento. Nise da Silveira. PIBID. Prática Pedagógica.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho foi realizado com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), ao qual expressamos nossa gratidão pelo financiamento desta pesquisa. Agradecemos ao Instituto Federal de Alagoas (IFAL) e à coordenadora de área do NID Pedagogia pelo acompanhamento, orientação e incentivo prestados ao longo do projeto. Estendemos nosso reconhecimento à direção e à professora supervisora da Escola Estadual Rotary, em Maceió/AL, pela acolhida e parceria no desenvolvimento das atividades. Finalmente, agradecemos aos demais pibidianos que colaboraram no desenvolvimento das atividades aqui apresentadas e, às crianças do 1º ano e às suas famílias, cujo entusiasmo e confiança tornaram esta vivência possível.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Glória de Souza. **Aprendendo pelo tato**. Rio de Janeiro: Instituto Benjamin Constant, 2016.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador:** introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

DESGAGNÉ, Serge. O conceito de pesquisa colaborativa: a ideia de uma aproximação entre pesquisadores universitários e professores práticos. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 36, p. 481-492, set./dez. 2007.

DUARTE JÚNIOR, João Francisco. **O sentido dos sentidos:** a educação (do) sensível. 2000. 210 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

JUNG, Carl Gustav (org.). **O homem e seus símbolos**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

LIBÂNEO, José Carlos. **Organização e Gestão da Escola:** Teoria e Prática. 6. ed. Goiânia: Editora Alternativa, 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social:** teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

NÓVOA, António. Para uma formação de professores construída dentro da profissão. **Revista de Educación**, Madrid, n. 350, p. 203-218, 2009.

NÓVOA, António. Os Professores e a sua Formação num Tempo de Metamorfose da Escola. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 44, n. 3, e84910, 2019.

SILVEIRA, Nise da. **Imagens do inconsciente**. Rio de Janeiro: Alhambra, 1981.

SOARES, Magda. **Letramento:** um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. São Paulo: Contexto, 2003.
TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

VYGOTSKI, Lev Semionovich. **Obras escogidas V:** Fundamentos de defectología. Madrid: Visor, 1997.

VYGOTSKY, Lev Semionovitch. **A formação social da mente:** o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.